

REDE INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS SOBRE A VIOLÊNCIA  
CONSÓRCIO INTERINSTITUCIONAL EM ESTUDOS SOBRE A VIOLÊNCIAS

## **PLANO DE TRABALHO: Uma investigação sobre as atribuições de violência e seus impactos na violência epistêmica**

Prof. Dr. Alexandre Meyer Luz  
Departamento de Filosofia  
Programa de Pós-Graduação em Filosofia  
Universidade Federal de Santa Catarina  
[alexmeyerluz@gmail.com](mailto:alexmeyerluz@gmail.com)

Lattes:

[http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do;jsessionid=B03900CC6D03F865AA0D2D4014CA7975.buscatextual\\_0](http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do;jsessionid=B03900CC6D03F865AA0D2D4014CA7975.buscatextual_0)

Orcid:

<https://orcid.org/0009-0001-0435-1102>

Vinculado ao projeto de pesquisa UFSC "*O que impede a produção e a circulação de boa informação? - Aspectos sociais do conhecimento*"

### **1. Introdução**

Tratar do tema da violência é tratar de uma assunto complexo e escorregadio. É complexo porque sobre o tema geral caem investigações dos mais variados tipos, conduzidas por áreas tão distintas quanto a Biologia, a Economia, a Educação e a Neurociência. É escorregadio porque a discussão sobre o tema esbarra em vários tipos de preconceitos arraigados; quando um livro tão popular quanto a Bíblia sugere “dar a outra face”, sugere mais do que uma tese, mas ajuda a construir um pano de fundo cultural sobre o tema. Este pano de fundo, associado à generalização apressada, leva a suposições profundamente arraigadas como a de que “a violência é sempre ruim”.

É surpreendente que a Filosofia tenha dispendido tão pouca atenção analítica ao tema. Apesar de muitas pesquisas se dedicarem a consequências inaceitáveis

de atos de violência e às causas deste ato, praticamente nenhum trabalho foi dedicado à investigação do próprio conceito de violência.

Dada tal lacuna, nossa investigação pretende começar pela investigação sobre o próprio *conceito* de violência. Em outros termos, pretendemos discutir *a natureza das atribuições de violência*. A estratégia geral por trás desta investigação não é nova: Filósofos, desde o início da investigação filosófica, perguntam-se pela natureza de alguns conceitos que ocupam um papel importante em nossas transações linguísticas e, daí, em nossas transações sociais. “Violência”, assim como “conhecimento”, “justiça”, “arte” e etc., ocupa um destes lugares importantes. Uma Filosofia da Violência merece, então, o mesmo estatuto de uma Filosofia do Conhecimento, da Justiça e da Arte.

A Filosofia da Violência que vimos desenvolvendo assume e pretende defender as seguintes teses:

i) em sentido estrito, “violento” (“violentamente”...) é uma propriedade que pode ser atribuída a *ações* (ou a um conjunto de ações). Estados mentais não são “violentos”, em sentido estrito. “Raiva”, “agitação” e outros estados podem, eventualmente, produzir ações violentas, mas esta relação não é necessária. Estados mentais só podem ser apropriadamente descritos como “violentos” quando se supõe que eles produzem ações que serão classificadas como violentas. Dizer que “Pedro é uma pessoa violenta” é dizer que Pedro realizou, realiza ou tem boas chances de vir a realizar ações violentas.

ii) Uma ação pode ser classificada como “violenta”, sem que se suponha intenção (um espasmo involuntário pode gerar um movimento “violento” que quebra acidentalmente o nariz de outra pessoa). Mesmo objetos inanimados podem produzir ações que podem ser classificadas como violentas (como em “o trabalhador entrou num lugar indevido e foi violentamente atingido pelo braço de robô”)

iii) Dizer que uma ação é violenta implica necessariamente apenas o descrevê-la como associada a um dano potencial. O espasmo que quebra o nariz de

alguém pode ser considerado como uma ação violenta exatamente porque quebra o nariz do transeunte desavisado; ele poderá ser considerado violento mesmo quando o transeunte consegue defender ou se esquivar do movimento.

iv) Atribuições de violência são *sensíveis ao contexto* (duas pessoas podem divergir sobre se uma ação deve ser classificada como violenta porque divergem sobre se o dano é significativo, por exemplo) e *ao tempo*. Um soco numa luta de boxe pode ser considerado fraco, porque não produz dano considerado significativo. O mesmíssimo movimento, agora aplicado contra uma criança, pode ser considerado uma ação violenta por conta do dano que ele pode produzir na criança.

v) Dizer que uma ação violenta é reprovável é fazer um *segundo* tipo de consideração sobre a ação. Em muitos cenários, uma ação violenta pode não ser digna de reprovação ou pode mesmo ser louvável. Aplicar um soco durante uma luta de boxe é, muito tipicamente, algo que não é digno de reprovação (ao menos por quem não considera uma luta de boxe uma atividade intrinsecamente reprovável); aplicar um soco num agressor que ameaça uma criança pode vir a ser considerada uma ação digna de louvor.

A segunda parte de nossa investigação está dedicada à investigação sobre os tipos de violência *epistêmica*. Esta segunda parte se alimenta dos resultados da Filosofia da Violência para pesquisar fenômenos mais tipicamente epistêmicos. Esta investigação se aprofunda em dois subtipos gerais de violência epistêmica: violência em confrontos de teses e consequências epistêmicas de violência crônica contra pessoas.

O primeiro subtipo abrange inúmeras questões sobre as práticas argumentativas. Práticas argumentativas são, inexoravelmente, práticas que envolvem *confrontos*. Teses podem ser confrontadas, todavia, em diferentes situações de confrontos: algumas mais cooperativas do que outras, por exemplo.

Teses podem ser confrontadas por agentes em diferentes posições epistêmicas (como confrontos de teses entre professores e estudantes, por exemplo) e etc.

O segundo subtipo abrange situações em que pessoas são sistematicamente atacadas enquanto agentes epistêmicos (por exemplo, agentes que sistematicamente recebem xingamentos epistêmicos, tais como “seu burro”) ou atacados enquanto pessoas (como no caso dos rebaixamentos gerais provocados pelo preconceito socialmente instalado - de raça, gênero ou etc).

Ao fim, como resultado de uma Filosofia da Violência melhor articulada e de uma Filosofia da Violência epistêmica, pretendemos ter ferramentas que ajudem a melhor compreender e avaliar o fenômeno das ações violentas, oferecer subsídios para uma avaliação mais fina dos diferentes aspectos do fenômeno e, com isso, especular melhor sobre ações contra a violência moralmente condenável.

## **2. Objetivos**

### **2.1. Geral**

Desenvolver uma Filosofia da Violência

### **2.2. Específicos**

- investigar os fenômenos de violência epistêmica;
- investigar estratégias para o trato das diferentes formas de violência epistêmica.

## **3. Metodologia**

Análise conceitual.

#### 4. Bibliografia Básica

LUZ, Alexandre Meyer. “Por Uma Filosofia da Violência” (no prelo)

LUZ, Alexandre Meyer Luz. “Violência Epistêmica” (no prelo)

LUZ, Alexandre Meyer. LUZ, Bernardo Peressoni. “Filosofia da Violência: Microviolência e Esquizoanálise” (no prelo).

LUZ, Alexandre Meyer, SARAIVA, João Marcelo, BISPO, Lucas Jairo Cervantes. “Da mera ignorância para a ignorância construída: distinções sobre a natureza da ignorância proposicional e considerações sobre a sua relação com a violência”. (no prelo)

VOROBJ, Mark , *The concept of violence*. New York : Routledge, 2016

HEIMEYER, W. e HAGAN, J, *International Handbook of Violence Research*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 2003.

SUE, D. W., *Microaggressions in everyday life: race, gender, and sexual orientation*. New Jersey: John Wiley & Sons, Inc. 2010

LARKIN, Tim. *When violence is the answer: learning how to do what it takes when your life is at stake*. Little, Brown and Company, 2017

DORLIN, E., *Autodefesa: uma filosofia da violência*. São Paulo: Ubu Editora; 1ª edição, 2020

COADY, C. A. J., *Testimony: A Philosophical Study*, Oxford: Clarendon Press, 1992.

FRICKER, Miranda, *Epistemic Injustice: Power and the Ethics of Knowing*, Oxford: Oxford University Press, 2007.

ZAGZEBSKI, Linda Trinkaus, *Epistemic Authority: A Theory of Trust, Authority, and Autonomy in Belief*, Oxford: Oxford University Press, 2012.

TANESINI, Alessandra & LYNCH, Michael P. (eds.), *Polarisation, Arrogance, and Dogmatism: Philosophical Perspectives*, London: Routledge, 2020.